

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio da manhãClass.: VIX antecessoresData: 13.02.53Pg.: 477

UMA CARTA DO RIO

XINGU

Pode parecer estranho, mas ainda fazemos, agora, em correio de Natal. A verdade, entretanto, é que se toda a correspondência de festas que nos deve chegar do estrangeiro já chegou há muito tempo, só agora recebemos, de Orlando Villas Boas, uma carta de festas datada simplesmente "Xingu, dezembro de 1952". Nada de cartãozinho com um Papai Noel pintado, não. Carta de sertanista que escreve raramente mas quando pega um lápis com ponta e cinco páginas de papel tamanho ofício enche tudo de letra miúda e descrição objetiva.

Uma carta do Xingu é coisa muito mais longínqua e exótica do que mensagens vindas da Europa ou dos Estados Unidos. A umas quinhentas horas de avião do Rio de Janeiro, o Brasil Central é muito mais "o estrangeiro" para um carioca do que não importa que nação bárbara do Velho Mundo. Conhecemos menos e nos interessamos menos por aquela magnífica herança de rios desconhecidos e tribos desconhecidas do que por Bond Street ou pela Rue du Châtil qui Pêche. Quando, timidamente, um de nós salta, no Pósto Culene ou no Jacaré quando surpreende uma cascata que não passou ainda para o mapa ou uma lagoinha verde e transparente como uma limonada num canto de mata, a impressão que tem é de beleza desaproveitada.

"Estamos aqui em pleno Xingu. Trabalhando, como você sabe, na abertura de um novo campo de aviação e Pósto para o Serviço de Índios. Tudo aqui está sendo feito por índios. De todas as tribos temos gente auxiliando. Além do longínquo rio São Manuel Teles Pires alguns Cajabi balem o machado ombro a ombro com o Juruna do médio Xingu, com o Ualapiti, com o Cuicuru, com o Meinaco, com o Camairá e outros de outras aldeias. Não temos um só trabalhador civilizado."

Assim como quem não está dizendo nada, Orlando Villas Boas descreve em sua carta o que foi a descida, em canoa feita de uma árvore só, da cachoeira de Von Martius, com Pauade, índio Juruna, na proa, guiando a ubá entre pedras. "Pauade, de joelhos na proa, empunhando um remo grande, empurra devagar a ponta do barco para o primeiro arrepiado. Iniciamos a descida. Passamos do meio, em louca disparada. Quando entramos no salto final, surge uma monstruosa pedra. Pauade não se abaixa de joelhos e nem com o remo. Em pé, de zingá em punho, dá um golpe rápido e seguro, jogando a proa fora da pedra. Completando a manobra, grita aos pilotos que remando forte, puxam a pápa. Entramos em linha. O barco se choca forte nas águas e vence o peáral. Logo mais abaixo, balança suave ao sabor do rebôjo, que antecede o remanso."

É este homem, que vive fazendo um trabalho de homem no sertão, que o sr. Arquimedes Pereira Lima, presidente da Fundação Brasil Central, está querendo processar por calúnia isto por ter ouvido umas verdades de Villas Boas sobre sua administração e sobre o seu irmão, que por questões de terras assassinou com um tiro o prefeito de Campo Grande, em Mato Grosso.

Mas quem desce de ubá a cachoeira de Von Martius há de sair-se de colher de um processo de Arquimedes. E aqui fica o nosso abraço a Villas Boas, pela longa carta. No correio de Natal, cheio de pinheirinhos e jardins debaixo de neve, valeu a prosa xinguana, toda alagada, toda empedrada, verde de maio e marron de índios.

A. C.